



“SUPER CICLO” VS. PANDEMIA

Mesmo desprovidos de instrumentos capazes de antever com precisão absoluta o comportamento das variáveis futuras que influenciarão o desempenho das matérias-primas agrícolas, a firme demanda atual por alimentos (principalmente da China) e as hipotéticas adversidades climáticas (no Brasil, Argentina e Estados Unidos) podem ser capazes de manter os preços nesses patamares elevados por um bom tempo. Milho e soja, respectivamente, já subiram em dólares no ano corrente, 25% e 14% e, em doze meses, 43% e 54% (fevereiro/21 em comparação a fevereiro/20).

Inclusive, alguns analistas apostam até em um novo “super ciclo” das commodities (notadamente petróleo e minério de ferro), sustentado pelo estímulo fiscal e expansão monetária, depreciação do dólar e escassez de melhores alternativas de investimento frente à liquidez corrente, muito embora a abrangência da pandemia e a intensidade dos seus efeitos, sabidamente continuarão dosando o nível e a sincronia global de recuperação econômica.

Um “super ciclo” é conceituado como o evento que se repete na linha do tempo e pode ser observado quando o desvio do preço de uma mercadoria varia no mínimo 20% sobre sua linha de tendência (altas e baixas), ao longo de décadas, do seu início até o fim. À título de ilustração, os resultados de estudos do National Bureau of Economic Research (Cambridge/USA) demonstraram que os preços deflacionados das commodities agrícolas em 2010 eram mais baixos do que em 1950, e que a partir de 1970, foi possível perceber uma onda descendente de preços que completou um ciclo de 40 anos em 2010 (*David S. Jacks, From Boom to Bust: A typology of real commodity prices in the long run, March 2013*).

A escalada vislumbrada seria mais um super ciclo tendendo à valorização das cotações ou, ao contrário, apenas recuperação compensatória pós-baque de 2020?

Independentemente da motivação, o incremento dos preços do minério de ferro, carnes, milho, soja, etc. favorece os países predominantemente exportadores dessas commodities, a exemplo do Brasil, bastante beneficiado durante a fartura verificada entre os anos de 2004 e 2008. Atualmente, contudo, a resiliente desvalorização do Real vai impul-

sionando com força os preços domésticos e justificando o iminente incremento na taxa de juros.

Apesar da escancarada urgência, o Congresso Nacional continua adiando as reformas (administrativa, política e principalmente a tributária), enquanto o Executivo teima elevar a taxa de diversos setores (petroquímico e financeiro, por exemplo) a fim de “compensar” outros (GLP e diesel), turbinando a percepção que as medidas populistas se sobrepõem àquela desejada agenda liberal. O crescente descontrole fiscal continua impulsionando a taxa de risco/CDS, aumentando a desconfiança, limitando a aposta dos investidores estrangeiros, e então retroalimentando o dólar no ambiente doméstico, cujos consumidores já vem sofrendo bastante com o custo da alimentação inflacionado pelos preços no atacado que também sofrem os efeitos das cotações das commodities.

Esses eventos repetitivos e sucessivos, combinados à falta de imunizantes e ao recrudescimento da pandemia da Covid-19 em praticamente todos os municípios, mitiga a convicção otimista da recuperação econômica Brasileira no curto prazo.

Parece que realmente “Essa epidemia não vai acabar em lugar nenhum, se não acabar em todos os lugares” (*Harvey Fineberg, Escola de Saúde Pública/Harvard*). ■



INDEPENDENTEMENTE DA MOTIVAÇÃO, O INCREMENTO DOS PREÇOS DO MINÉRIO DE FERRO, CARNES, MILHO, SOJA, ETC. FAVORECE OS PAÍSES PREDOMINANTEMENTE EXPORTADORES DESSAS COMMODITIES, A EXEMPLO DO BRASIL



Ariovaldo Zani
é médico veterinário,
professor do MBA
PECEGE/ESALQ/USP